

A casa onde nasceu Ernest Hemingway 339 N. Oak Park Avenue

VISÃO GLOBAL

Bem-vindo à casa onde, em 1899, nasceu Ernest Hemingway.

Hemingway é considerado um dos mais importantes escritores da literatura norte-americana do século XX – e considerado, por todo o mundo, o escritor norte-americano mais conhecido do século XX. Durante a sua vida, foram-lhe atribuídos o Prémio Pulitzer e o Prémio Nobel da Literatura.

Esta casa foi construída em 1890 para os avós maternos de Ernest Hemingway, Ernest e Caroline Hall. Foi construída num estilo conhecido como estilo vitoriano, caracterizado por um telhado em torreão, com um alpendre que envolve a casa, tectos altos e janelas amplas. O que vai ver é uma restauração da casa original, decorada e mobilada para se parecer o mais possível com época em que Hemingway aqui vivia. Alguns dos móveis que vai ver pertenciam à família, incluindo o espelho de pé no hall de entrada. Todos os móveis são da época. O papel de parede, as cortinas e a carpete são parecidos com os originais, baseados em fotografias tiradas pelo Dr. Hemingway. Marcelline, a irmã mais velha de Ernest, mais tarde lembrou-se que a carpete era vermelha e cor-de-rosa e que a cor favorita da família para a decoração era o cor-de-rosa.

Em 1899, Oak Park era uma vila com apenas 10,000 pessoas, localizada nos arredores da área metropolitana de Chicago. Oak Park Avenue, em frente à casa, não era pavimentada. Meio quarteirão a norte, a Chicago Avenue, marcava o início de terras agrícolas alternado entre bosques e o que resta das originais vegetações altas das pradarias. Dr. Hemingway e os seus filhos podiam caminhar ou pegar no cavalo da família e na carroça para percorrer cerca de 1.5 km até à reserva florestal do rio Des Plaines, para caçar e pescar. Todavia, uma nova era estava a começar. No ano em que Ernest Hemingway nasceu, os habitantes de Oak Park testemunharam o aparecimento do primeiro automóvel da vila.

Ernest nasceu numa casa de estilo vitoriano, mas acima de tudo nasceu no seio de uma família cujos costumes e maneira de pensar eram os da era vitoriana. A história dos seus anos em Oak Park, o primeiro terço da sua vida, é o de uma criança nascida no início de uma nova era tecnológica, especialmente na área da comunicação e das viagens, algo que ajudou a transformar a cultura americana. Para além do primeiro automóvel, um outro indicador de mudança são os candeeiros de tecto, que estão por cima de nós, que foram construídos para receber gás e o recém

implementado serviço elétrico. Aliás, esta foi a primeira casa em Oak Park a ter serviço elétrico. Os automóveis, a eletricidade, os telefones, as rádios, os filmes e os aviões faziam do mundo Ernest um local muito diferente daquele que os seus pais conheceram.

A família Hemingway, os avós paternos de Ernest, viviam do outro lado da rua numa casa que já não existe. O pai de Ernest, Clarence Edmonds Hemingway, conhecido por “Dr. Ed”, conhece a jovem Grace Hall desde os tempos de escola, quando eram colegas na escola secundária, a Oak Park River Forrest High School. Quando concluíram a escola, Ed tirou um curso de “pré-medicina” em Oberlin College em Ohio antes de se licenciar em medicina na Rush Medical College, em Chicago. Começou a exercer medicina, enquanto ainda estava a viver em casa dos pais.

Grace e Ed eram apenas amigos até a mãe de Grace, Caroline Hall, ficar doente com cancro. Ed visitaria Caroline nesta casa quase diariamente até à sua morte. A experiência que partilharam acabou por juntar os dois jovens, culminando num pedido de casamento. Grace aceitou mas, primeiro, queria prosseguir uma carreira profissional como cantora.

Depois da morte da sua mãe, Grace viajou até Nova Iorque para mais lições de música. Deu o seu primeiro recital público no Madison Square Garden. Naquele momento, apercebeu-se que os seus olhos não aguentavam o brilho das luzes do palco. Grace acreditava que esta dificuldade se devia a um surto de escarlatina que teve em criança, que a tinha deixado temporariamente cega. Depois de uma viagem pela Europa com o seu pai, Grace voltou a Oak Park e casou com o Dr. Hemingway. O Dr. Ed mudou-se para a casa dos Hall e foi aqui que as primeiras quatro crianças, dos seis filhos dos Hemingway, nasceram.

O retrato de família na parede mostra os Hemingway, quando estavam a viver nesta casa. O retrato do avô Hall está por baixo. Ele morreu em 1905, altura em que a família se mudou para uns alojamentos temporários ao lado da biblioteca, onde Marcelline e Ernest se tornaram ávidos leitores e, seguidamente para uma nova casa na 600 N. Kenilworth. Reparem nas semelhanças entre Ernest, à direita, e Marcelline, à esquerda. Voltaremos a este assunto, mais tarde, na visita.

(1) Salão

Em primeiro lugar, olhem para a fotografia desta divisão tirada pelo Dr. Hemingway. Irão ver o retrato de Grace Hemingway pendurado ao lado da lareira, uma cadeira de balanço, um piano e outros itens, alguns dos quais pertenceram originalmente à família Hemingway enquanto viveram nesta casa.

(2) Arte

Na parte da frente da sala, reparem nas duas pinturas de paisagens reproduzidas fotograficamente. Os originais foram obras pintadas por Caroline Hall, que vendia as suas pinturas frequentemente. O jovem Ernest gostava de observar a natureza através da perspectiva desta artista. Ernest também via a natureza de perto através dos projetos de taxidermia do pai como estes “pássaros sob vidro”.

Grace Hemingway estava inscrita no museu de arte de Chicago, o Chicago Art Institute, e levava as crianças, frequentemente, a visitá-lo. Quando chegou a Paris, o jovem adulto Ernest já conhecia os então emergentes estilos modernos de pintura. Consequentemente, gostou de ficar ainda mais familiarizado com o trabalho de Picasso, Matisse e Monet, entre outros. Ernest pediu dinheiro emprestado para comprar um quadro importante do seu novo amigo e companheiro de boxe, o pintor espanhol Joan Miró.

Anos mais tarde, enquanto visitava o Metropolitan Museum of Art em Nova Iorque com Lilian Ross, Ernest comentou:

“Eu consigo pintar uma paisagem tal como o Sr. Paul Cezanne. Aprendi a pintar uma paisagem com o Sr. Paul Cezanne a andar, mil vezes, pelo museu do Luxemburgo de estômago vazio, e tenho quase a certeza que se o Sr. Paul Cezanne ainda fosse vivo, teria gostado da maneira como eu os pinto e ficaria feliz por eu ter aprendido com ele.”.

(3) Música

Grace exigiu que todos os seus filhos estudassem música. Nesta divisão, ela cantava, tocava piano (num muito parecido com aquele que vê aqui) e violino e, obviamente, ensinava a cantar. Ernest conheceu vários estilos musicais, desde músicas populares românticas e religiosas à ópera e à música clássica. Aprendeu a tocar violoncelo com a orquestra da escola e cantava no coro da igreja, sob orientação de sua mãe. Apesar de não ter conseguido revelar um especial talento musical, Ernest foi incentivado a compreender o paralelismo entre as ligações entre a composição e a escrita:

“O que se aprende dos compositores e do estudo da harmonia e contraponto deveria ser óbvio... No primeiro parágrafo de “Farewell”, eu usei a palavra “e” várias vezes e conscientemente da mesma maneira que o Sr. Johann Sebastian Bach usava uma nota numa música quando estava a fazer um contraponto. Às vezes, quase que consigo escrever como o Sr. Johann – ou pelo menos, de maneira a que ele gostasse”.

Muitos dos primeiros contos de Ernest também têm técnicas musicais. Nisto foi encorajado pela sua amiga em Paris, Gertrude Stein, enquanto esta recitava versos como “uma rosa é uma rosa é uma rosa”.

(4) Religião

Tanto os Hemingway como os Hall levavam muito a sério a sua fé Protestante. O avô Hemingway foi co-fundador e secretário da Associação de Jovens Cristãos de Chicago, antes de iniciar uma carreira no ramo imobiliário. No seu quarto, o avô Hall liderava a família nas rezas e leituras religiosas diárias da família. Foi aí que o rapaz o observou a falar diretamente com Deus.

Enquanto esteve a combater em Itália durante na Primeira Guerra Mundial, Ernest converteu-se ao catolicismo, ou, como diria mais tarde, fê-lo influenciado por Pauline Pfeiffer, a sua segunda mulher. Mas ao longo da sua vida, explorou várias tradições religiosas, embora expressando, às vezes, alguma descrença. Um estudioso afirmou que “o estatuto de Hemingway como ‘pessoa religiosa’ depende da história, da carta, da anedota, do romance que temos à nossa frente”. Tal como os seus sentimentos pela arte e pela música, as crenças religiosas posteriores de Ernest parecem mais ser um produto das experiências da sua vida do que um produto dos ensinamentos familiares do início da sua vida. Todavia, os seus interesses no que toca à religião, que lhe foram introduzidos aqui, mantiveram-se ao longo de toda a vida.

(5) Biblioteca

A biblioteca tinha, pelo menos, dois propósitos. Primeiro, este espaço tornou-se um retiro para o avô Hall quando, depois de jantar, queria fumar ou beber com os amigos populares, sem incomodar a sua filha e o seu genro. A biblioteca servia também como repositório de livros para esta família de ávidos leitores. Ernest nunca foi para a faculdade mas através da sua paixão pela leitura, tornou-se extremamente culto. Em Cuba, hoje em dia, a sua coleção de mais de cinco mil livros permanece intacta, muitos contendo notas nas margens, atestando o seu sério interesse.

Na parede a norte, irão ver certificados emoldurados que atestam a outra das suas influências – a Guerra Civil. O certificado, à esquerda, resume a breve experiência que o avô Hall teve na Union Army, onde foi baleado e capturado pelas forças da Confederação. O Avô Hall nunca falava da guerra e pedia aos outros para não o fazerem, na sua presença.

O Avô Hemingway esteve no cerco de Vicksburg e comandou uma companhia de soldados afro-americanos. O avô Hemingway ficou no exército durante um ano, após o fim da guerra. Era um apreciador das subseqüentes cerimónias e reuniões militares. Assim, de um avô,

Ernest aprendeu que a guerra era algo terrível – um assunto que não devia ser debatido. Do outro avô, aprendeu que a guerra é uma fonte de histórias de aventuras, de heroísmo e sacrifício próprio. Mesmo em pequeno, Ernest foi exposto às ambiguidades da guerra – uma mensagem que transmite eficazmente, mais tarde, na sua escrita, baseada nas suas próprias experiências da Primeira Guerra Mundial (Adeus às Armas), da Guerra Civil espanhola (Por quem os Sinos Dobram) e da Segunda Guerra Mundial.

O órgão é parecido com aquele tocado por Caroline Hall, quando era jovem, na igreja e em eventos sociais. Também Caroline era uma cantora. As pinturas a óleo são dos bisavós de Ernest – os Hall (esquerda e centro) e bisavó Hemingway (direita). As duas corujas foram caçadas pelo Dr. Hemingway durante a lua-de-mel em 1896, realçando assim o facto do Dr. ter sempre a arma ao seu alcance.

O telefone de Hemingway (# 181) ajudou o Dr. Hemingway a manter contacto não só com o hospital de Oak Hill, de que foi co-fundador, mas também como os seus pacientes.

(6) Casa de Jantar

Marcelline diz-nos que numa manhã típica, o Dr. e a Sra. Hemingway tomavam o pequeno-almoço primeiro e saíam da sala para o avô Hemingway e as crianças para eles comerem. Depois de tomar o pequeno-almoço e de ler o matutino, o avô Hemingway (chamado carinhosamente de Abba, o nome bíblico para avô) entretinha as crianças não só com histórias que recorda do seu tempo de criança mas também com histórias com animais como personagens. Esta última era contada dia após dia, em série.

Ernest adorava as histórias do avô e, por vezes, identificava-se com os heróis dessas histórias. Uma vez, chegou mesmo a insistir que o tratassem por “Carlo olhos-de-fogo-reluzentes” (Carl gleaming Fiery Eyes), uma proeminente personagem canina de uma história de aventuras, que Abba contava, de uma matilha de cães. Era também hábito na família que as crianças contassem as suas histórias. Quando era criança, Ernest inventou uma história em que salvava uma donzela num cavalo.

Sim, havia uma cabeça de veado pendurada por cima da lareira mas não esta em particular.

(7) Cozinha

Uma das divisões que mais vale a pena realçar é a cozinha, pelo facto de Grace Hemingway raramente lá aparecer. A mãe de Grace ensinou-a a ser uma mulher profissional; uma mulher que pudesse contratar outras pessoas para cozinhar, lavar a roupa, limpar a casa, cuidar das crianças, entre outras tarefas domésticas. Grace aprendeu a cozinhar um bolo para acompanhar o chá enquanto que o Dr. Hemingway gostava de preparar as refeições da família com o peixe e a caça que trazia para casa.

Grace expressava também a sua atitude de ‘mulher moderna’ através do seu envolvimento no movimento sufragista.

Mais tarde, quando Ernest procurar uma noiva, as mulheres maduras, inteligentes e trabalhadoras vão chamar-lhe mais a atenção. Agnes von Kurowsky, a sua primeira paixão, era uma enfermeira de 26 anos, enquanto que Ernest tinha apenas 19. (ver Adeus às Armas). A sua primeira mulher, Hadley Richardson, era oito anos mais velha e era pianista (ver Paris é uma Festa). Pauline Pfeiffer era uma jornalista cinco anos mais velha. Tanto Hadley como Pauline contribuíram financeiramente para casa. Martha Gelhorn e Mary Welsh eram também jornalistas. Ernest sentia-se, claramente, atraído por mulheres que eram, de alguma maneira, parecidas com a sua mãe.

As cadeiras da cozinha foram dadas à Fundação por membros da família e estavam na casa de verão da família em Michigan, quando Ernest era criança.

(8) Quarto do Tio Tyley

Benjamin Tyley Hancock era um homem, de meia-idade, solteiro e espirituoso. Era irmão de Carolyn Hall e vivia com a família quando não estava a viajar em negócios - a vender camas de ferro e de bronze pela prestigiada empresa Miller Hall Co. Benjamin era um tio afável e afectuoso para com Ernest e suas irmãs, regalando-os com histórias das suas viagens e recordando as suas experiências, quando era jovem, em alto mar com as suas irmãs e com o seu pai como capitão do barco, depois da morte de sua mãe. As suas histórias expandiram os horizontes de Ernest e os brinquedos únicos que trazia, entusiasmava muito as crianças. Este tio era um acréscimo à cultura da família pois levava as crianças a restaurantes que estavam na moda, cantava e tocava violino e flauta. Tendo um enorme espírito aquando das reuniões familiares, Benjamin desafiava Ernest e todos os membros da família a ir caçar e a ir à pescar no lago. Durante um curto espaço de tempo, esteve noivo de uma das mais bonitas empregadas domésticas, o que entusiasmava bastante a família. Marcelline lembra-se de o ouvir soluçar no seu quarto, ao lado do quarto das crianças, quando a empregada mudou de ideias, deixou um

bilhete e desiludi-o. As histórias do mar do tio Tuley foram a base para a primeira história de Ernest, Uma viagem no mar (A Sea Voyage), escrita quando ele tinha 12 anos.

(9) Quarto da empregada

Tal como muitas casas da classe média da época, a cozinheira e outras pessoas que ajudavam na lida da casa viviam com a família e utilizavam as escadas traseiras para aceder à cozinha, à cave ou à casa de banho fora da casa. Participavam nas orações matinais da família e comiam, juntamente com as crianças, na cozinha. Grace Hall Hemingway chegou mesmo a ensinar algumas a cantarem e estas davam às crianças a oportunidade de conversarem com elas nas suas línguas estrangeiras. O respeito com que eram tratadas pode estar na base do apreço e da amizade de Ernest pelas pessoas de um nível social mais baixo, com quem se cruzou, que apreciou e sobre as quais, mais tarde, escreveu.

Reparem no piso de madeira, sem carpete, mais facilmente lavado no quarto das empregadas, de acordo com as preocupações que o Dr. Hemingway tinha com a higienização. Reparem também na lista de mobiliário dos vários quartos, provavelmente feita por Grace por uma questão de segurança, clarificando que ela e o Dr. Hemingway dormiam em quartos separados.

A saída de ar no chão permitia que o calor vindo do forno da cozinha aquecesse o quarto, algo mais agradável durante o inverno que durante o verão.

(10) Casa de banho

A descrição da casa de banho foi feita por uma senhora mais velha que tinha sete anos quando o seu pai, um merceiro de nome Samuel Osgood, comprou a casa aos Hemingways, em 1905. Ela indicou o local onde estava o lavatório de mármore, a banheira com pés, a sanita com o autoclismo ao alto e de puxar e o armário, construído daquela maneira, de modo a que se conseguisse limpar a parte de cima da janela, utilizando as escada que estão por baixo. Uma das portas do armário foi encontrada no sótão, aquando da restauração e, como não foi aplicada a última camada num dos lados da porta para a finalizar, isto permitiu saber que cor e que verniz foram aplicados na madeira da casa. Os azulejos em branco e preto, em formato de tabuleiro de xadrez, eram muito utilizados, na época, para o chão das casas de banho. A tira de coiro para assentar a navalha de barbear era muito usada para castigar as crianças mal comportadas, nomeadamente Ernest. Posteriormente, a casa de banho foi ligeiramente expandida para o corredor para que coubesse uma banheira maior para uma família que estava a crescer.

(11) Quarto das crianças

Grace gostava de fingir que as duas crianças mais velhas eram gémeas e do mesmo sexo. Por vezes, vesti-as de igual, quer de raparigas quer de rapazes, e cortava-lhes o cabelo da mesma maneira. Chegou mesmo a deixar Marcelline mais um ano no infantário para que ela e Ernest pudessem entrar para a primeira classe juntos. Naquela época, gémeos era algo raro e popular. Esta brincadeira durou até Ernest entrar na escola. Ainda que na altura alguns pais vestissem os filhos de raparigas, acredita-se que Grace o fizesse mais vezes do que o normal. Há pelo menos um biógrafo de Ernest a dizer que este hábito da mãe o afectou.

Ernest e Marcelline dormiam aqui, em dois berços iguais. Anos mais tarde, Marcelline recordou, orgulhosamente, que ela dormia na cama com a grade lateral para baixo enquanto que tinha de ter a grade para cima. Ela ainda estava claramente sensibilizada pelo facto de não ser meramente uma gémea de Ernest mas sim a sua irmã mais velha.

A caixa dos brinquedos no chão pertencia a Marcelline.

(12) Quarto de Grace

Este quarto é capaz de ser a restauração mais fidedigna de toda a casa porque parte do papel de parede original foi encontrada no armário, permitindo-nos saber não só qual a cor mas também qual o padrão. Este quarto pertencia à Sra. Hemingway e foi aqui que nasceram quatro dos seus seis filhos. O parto de cada um foi feito pelo Dr. Hemingway. Quando Ernest nasceu, o Dr. Ed foi para o alpendre, na parte da frente da casa, anunciar o nascimento – uma cena reencenada, em 1999 em frente a umas câmaras de televisão e com a presença dos três filhos de Ernest.

A relação entre Grace e Ernest tem interessado particularmente os estudiosos. Este interesse advém tanto das suas imensas contribuições na aprendizagem de Ernest mas também devido aos conhecidos conflitos que, aos poucos, surgiram entre eles.

Um conflito sério surgiu quando Ernest voltou na Primeira Guerra Mundial mas não quis arranjar emprego ou ir para a Universidade. Quando fez 21 anos, Ernest continuava a passar grande parte do seu tempo na casa de família, em Michigan, onde podia caçar, pescar e passar tempo com as raparigas da zona. Os pais incentivaram-no a que se tornasse auto-suficiente e que tivesse um comportamento mais adequado. Finalmente, poucos dias depois de fazer 21 anos, Grace entregou-lhe uma ordem de despejo em forma de uma longa carta. Grace escreveu que “o amor de uma mãe parece-me um banco” e que, nos primeiros anos, uma criança recorre a esta

conta bancária através do “trabalho físico e doloroso de uma mãe, da sua perda de sono, da sua observação e capacidade de acalmar a criança, da sua espera, de dar banho, de vestir e de entreter”. Mais tarde, a mãe dá “amor e compreensão, cuida quando estão doentes, ensinar e guia”, etc. Eventualmente, é esperado que a criança volte a “cobrir” a conta com palavras carinhosas, através da sua ajuda, pequenos presentes, etc. Grace refere que Ernest não faz este tipo de depósitos e continua a carta a relatar as suas falhas, nomeadamente, ainda que não apenas, “preguiça, busca de prazer e negligenciar os seus deveres para com Deus”. Grace conclui a sua analogia afirmando “resta-te a falência: fizeste demasiados levantamentos”. Diz-lhe para não voltar enquanto “a tua língua tenha aprendido a não insultar ou envergonhar a tua mãe”.

Mais tarde, houve uma certa tensão entre Ernest e os pais devido às suas reações em relação às primeiras obras de Ernest. Ficaram tão escandalizados com o tema e com a linguagem utilizada no seu livro de 1924, In Our Time, que o Dr. Hemingway o devolveu ao editor. Podemos imaginar a reação que tiveram com as personagens e a linguagem de O Sol Nasce Sempre (Fiesta).

Mas a “rotura” mais séria foi em 1928 aquando do suicídio do Dr. Hemingway. Ernest culpou a sua mãe, apesar de ser o único entre os membros da família a achá-lo. Ernest achava que a personalidade autoritária da mãe tinha causado a depressão ao seu pai. Outros membros da família discordaram, argumentando que o Dr. Ed tinha-se autodiagnosticado com diabetes e que também tinha perdido uma parte significativa das poupanças da família num investimento imobiliário falhado, na Florida. Nessa altura, continuava a ter a arma sempre à mão.

Esta “ferida” entre mãe e filho nunca sarou totalmente. Ernest nunca mais voltou a Oak Park depois do funeral do pai, em 1928. Mantinha correspondência com Grace, ainda que pouco frequente, e até criou uma (verdadeira) conta bancária para a sustentar, nos seus últimos anos de vida. Mas nunca a perdeu.

Por vezes, Ernest recordava a sua raiva em relação à ideia que tinha sobre o modo como a mãe tratava o pai e os esforços que esta fazia para que Ernest se comportasse de acordo com suas crenças. Muitos acreditam, porém, que o impacto de Grace na vida de Ernest foi positivo, especialmente os seus esforços iniciais para apresentar o mundo artístico aos seus filhos combinado com o seu genuíno amor pelos filhos.

(13) Quarto do Dr. Hemingway

Tal como era hábito na época vitoriana, Ernest Hall e a sua mulher Caroline dormiam em

quartos separados. Dr. Ed e Grace também o dormiam em quartos separados. Era algo também conveniente tendo em conta que ambos tinham que estar, frequentemente, acordados toda a noite. Dr. Ed, por vezes, tinha que ir ver pacientes enquanto que Grace precisava de tomar conta das crianças. Havia poucos indícios de conflitos matrimoniais nos anos que passaram nesta casa, apesar daquilo que Ernest viria mais tarde a acreditar.

Dr. Ed tinha muitos interesses que incluíam pontas de flechas índias, tecelagem, entre outros artefactos. Colecionava também espécimes da natureza, alguns dos quais mantinha preservados em frascos no sótão. Dr. Hemingway inventou um tipo de fórceps que foram manufacturados, mas este não quis registar a patente, alegando que o seu único objectivo era aliviar a dor – e não fazer dinheiro. Por vezes, Grace ganhava mais dinheiro que o Dr. Ed mas a verdade é que este tratava muitos pacientes sem lhes levar dinheiro e sem nunca enviar uma segunda factura.

Ernest retrata uma personagem de um médico e uma figura paternal numa série de contos no seu livro Os Contos de Nick Adams.

Enquanto Grace ensinava arte, música e literatura às suas crianças, o Dr. Ed ensinava-lhes coisas sobre ciência, medicina, natureza, campismo, caça, pesca e desporto. Assim, os pais ofereceram às suas crianças as mais amplas experiências de aprendizagem. O que tornava Ernest único era a sede de conhecimento. Praticamente tudo interessava este rapaz. Cresceu a gostar tanto de boxe como de poesia, a apreciar culturas e línguas diferentes, a sentir-se em casa seja num café em Paris, numa ilha nas Caraíbas, num safari em África ou num pequeno barco no mar. Foi o seu pai que lhe introduziu a maioria das coisas que viria a conhecer e a gostar – e por isso, ele adorava e admirava o seu pai e sentiu profundamente a sua morte.

(14) Quarto do Abba

Reparem no retrato muito de Abba e Grace em cima da mesa. Ele tem vestido um fato com o colarinho e punhos engomados, uma gravata e um casaco-fraque – como o senhor inglês que era. Nesta altura da sua vida, Ernest Hall tinha-se reformado como coproprietário de um negócio bem sucedido de cutelaria, uma carreira igual à do seu pai em Sheffield, no Reino Unido. Ernest Hall investia também em ações e títulos.

Agora olhem para a fotografia grande na parede mais ao fundo, onde se vê Abba com três dos seus netos. O cenário é o bosque de Michigan mas Abba continua a usar o mesmo fato.

Reparem em Ernest à esquerda, a segurar uma espingarda de ar comprimido. Com dois anos e meio, Ernest já estava autorizado a disparar a espingarda. Mas mais importante ainda, reparem no notório afecto que tinha pelo seu avô, que se nota através da sua posição.

Sr. Hall morreu aqui em 1905 depois de sofrer, durante vários meses, da doença de Bright, uma doença renal. Esta foi a primeira experiência de Ernest com a morte de alguém de quem gostava. Na altura do funeral do avô, no salão lá em baixo, Ernest tinha seis anos; idade suficiente para perceber o que se tinha passado.

A morte tornou-se um tema recorrente nos futuros contos e romances de Hemingway. Tal como disse: “Eu convivi com (a morte) durante quase toda a minha vida e a sua divulgação tem sido o meu ofício”.

As experiências de uma criança nos seus primeiros seis anos de vida são muito importantes para o seu desenvolvimento futuro. Isto tem sido documentado em vários estudos atuais sobre psicologia infantil.

Para Ernest, os seus primeiros seis anos foram felizes. Viveu numa casa onde era bem cuidado, cheia de amor, música, divertimento e fé, o incentivo para experimentar coisas novas – um excelente sítio para se crescer.